

# **O IMPACTO DA VIOLÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS EM FASE ESCOLAR**

## **THE IMPACT OF VIOLENCE IN THE LEARNING PROCESS OF CHILDREN IN SCHOOL PHASE**

Zilmara Alves da Silva<sup>1</sup>  
Elenise Tenório de Medeiros Machado<sup>2</sup>  
Isabelle Cerqueira Sousa<sup>3</sup>

### **RESUMO**

A aprendizagem de crianças na fase escolar vem sendo impactada pela violência em suas várias manifestações. Por ser um fenômeno complexo, a violência não é apenas um problema de segurança social e comunitária, mas de saúde pública. A exposição direta e indireta a violência desenvolve nas crianças um estado de medo e stress contínuo, onde a sensibilidade a estímulos externos é ampliada e sua capacidade de concentração é reduzida podendo resultar na fase adulta em dificuldades de socialização e empatia para com o outro. As pesquisas revelam que as escolas vêm vivenciando dificuldades profundas em prevenir e encontrar soluções as questões relacionadas a violência. O objetivo desse artigo é compreender esse impacto buscando apontar conceitos que nos permita assimilar não apenas como ocorre o processo de aprendizagem segundo a neurociência, mas como a criança em fase escolar pode ser afetada no seu desenvolvimento global e como podemos olhar com esperança para os avanços na pesquisa da Neurociência e sua contribuição para a Educação.

**Palavras-chave:** Violência. Escola. Aprendizagem. Neurociência.

### **Abstract:**

The learning of children in school phase has been affected by violence, in it's many aspects. Being such a complex phenomenon, violence is not only a problem of social and communitarian security, but, also, of public health. Direct and indirect exposure to violence causes a state of fear and continuous stress in children, where the sensitivity to external stimulation is amplified and their capacity for concentration is reduced, which can result in hardship to socialize and lack of empathy toward the others. Research shows that schools are experiencing profound difficulties to prevent and find solutions to issues related to violence. The purpose of this article is to assimilate, not only how the learning process happens, according to neuroscience, but how the children who is in academic phase can be affected in its global development, and how we can look with hope for the advances in the in Neuroscience research and it's contribution to Education.

**Key words:** Violence. School. Learning. Neuroscience

---

<sup>1</sup> Pedagoga (UVA), Especializanda em Psicologia Social e Comunitária(FATECE) , e Especializanda em NeuroEducação pela UNICHRISTUS.

<sup>2</sup> Psicóloga e Pedagoga (UNIFOR), Mestra em Inovação Pedagógica – Educação (UMa), Especialista Neuropsicologia (UNICHRISTUS), Orientadora Acadêmica (UNICHRISTUS).

<sup>3</sup>Terapeuta Ocupacional, Mestre em Educação Especial (UECE), Orientadora Metodológica (UNICHRISTUS)

## 1 INTRODUÇÃO

Percebe-se que a violência em suas várias manifestações faz parte do dia a dia contribuindo para a mudança nas relações entre indivíduos, comunidades e instituições. Por ser um fenômeno complexo, a violência não é apenas um problema de segurança social e comunitária, mas de saúde pública.

Sendo em parte fruto das desigualdades sociais que produzem pobreza e miséria, a violência produz o aumento da criminalidade e da desorganização social, que consequentemente gera doenças de ordem psíquica e neurológica em alguns grupos e atores sociais, principalmente as crianças. Elas podem apresentar além dos problemas de saúde mental, dificuldades de aprendizagem, linguagem, comportamento, interações sociais, emocionais e de neurocognição, porque possuem limitada capacidade de lidar com situações violentas.

O objetivo desse artigo é compreender esse impacto buscando apontar conceitos que nos permita assimilar não apenas como ocorre o processo de aprendizagem segundo a neurociência, mas como a criança em fase escolar pode ser afetada no seu desenvolvimento global.

A exposição direta e indireta a violência desenvolve nelas um estado de medo e stress contínuo, onde a sensibilidade aos estímulos externos é ampliada, e sua capacidade de concentração é reduzida.

Evidências apontam que essa exposição altera de maneira significativas conexões entre os neurônios nos circuitos cerebrais, que induz segundo pesquisa a uma sequencia de eventos na estrutura molecular que alteram de forma irreversível a estrutura cerebral. Essa alteração não permitirá em longo prazo que as crianças se preparem para uma vida adulta. São crianças que possivelmente aprenderão por vivência própria que os conflitos interpessoais se resolvem por meio da violência, reproduzindo comportamentos de não civilidade e gerando sofrimento psíquico pra si e para o seu meio.

É importante ter em mente que muita das habilidades das crianças se constrói em seu ambiente social, e a escola é um dos espaços em que esse processo será desenvolvido. Estudos e pesquisas para compreender como o fenômeno da violência atinge a educação infantil vêm sendo realizadas buscando apoiar através das suas conclusões, governos e a sociedade civil na construção de uma solução viável e possível.

A escola nesse sentido reflete essa violência em suas multifaces. Para as famílias de um modo geral, ela é a porta de entrada que promoverá a criança a um processo educativo qualificado que as possibilitará a uma vida sustentável economicamente. É o ambiente de formação cidadã e de construção de relações afetivas. Entretanto, esse mesmo espaço reflete a sociedade violenta e excludente que vivemos, onde a capacidade de aprendizagem da criança será posta em risco.

A aprendizagem é um processo de adquirir uma determinada informação que por meio da sua intensidade de estímulos seja através de fatores emocionais ou motivacionais, produzem a mudança de um comportamento pela experiência.<sup>4</sup>

A violência vivenciada na comunidade pela ausência do poder público que não garante que os direitos básicos sejam efetivados entre eles uma escola pública de qualidade; as das mídias e redes sociais que não apenas propaga a violência através de programas que a normalizam, mas que também fomentam uma cultura de medo e ódio; o ambiente familiar por meio da violência doméstica em suas várias nuances; ou a própria violência escolar produzida por profissionais da educação e educandos. São essas violências que se apresentam na escola que altera de maneira significativa o processo de aprendizagem da criança que lá está para amadurecer em todos os aspectos.

## 2 MÉTODOS

O presente artigo foi realizado por meio de revisão bibliográfica, que segundo Santos e Candeloro (2006) também é definida como revisão de literatura ou referencial teórico.

A revisão de literatura é o processo de busca, análise e descrição de um corpo do conhecimento em busca de resposta a uma pergunta específica. Nesse sentido o termo literatura cobre todo material relevante que é escrito sobre o tema: livros, revistas, artigos periódicos, de jornais, registros históricos, relatórios governamentais, teses, dissertações e outros tipos.<sup>5</sup>

Existem três linhas de revisão de Literatura: a Narrativa, a Sistemática e a Integrativa. A narrativa não utiliza critérios específicos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura; a sistemática é um tipo de investigação científica e busca

---

<sup>4</sup> GROSSI. Márcia Gorett Ribeiro, Revista Abakos 2015.

<sup>5</sup> UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto de Psicologia Biblioteca Dante Moreira Leite.

responder a uma pesquisa claramente formulada; e a integrativa veio como uma alternativa para revisar rigorosamente e combinar estudos com diversas metodologias por exemplo.<sup>6</sup>

Segundo Alves Mazzotti (2002) a revisão de literatura ou revisão bibliográfica teria então dois objetivos: a construção de uma contextualização para o problema, e a análise das possibilidades presentes na literatura consultada para a concepção do referencial teórico da pesquisa.

Como relata Gil (1991), este tipo de estudo tem por finalidade proporcionar um maior conhecimento para quem pesquisa um determinado assunto, visto que o pesquisador pode formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos futuros. Sendo fundamental no processo investigativo de um tema, a revisão bibliográfica permite ao pesquisador ampliar a capacidade de analisar fenômenos e analisar seu contexto histórico.

Outro ponto a ser considerado é com relação ao caráter de pesquisa qualitativa que esse presente artigo apresenta. A pesquisa qualitativa é um método de investigação científica que se foca no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais<sup>7</sup>.

Segundo GODOY (1995) três tipos bastante conhecidos e utilizados de pesquisa qualitativa: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. Nesse contexto, a pesquisa documental teve clara importância, visto que, GODOY (1995) cita que os documentos normalmente são considerados importantes fontes de dados para outros tipos de estudos qualitativos, merecendo portanto atenção especial.

Para a realização desse artigo, o período de estudo compreendeu o período foi maio de idade a agosto de 2018, e as bases de dados consultadas foram livros, artigos acadêmicos publicados em jornais e enciclopédias digital como o *Journal of Psychological Abnormalities* e a *Encyclopedia on Early Childhood Development*. Foram pesquisados também artigos acadêmicos na base da *SciELO* e *PUBMED*.

O *SciELO* é uma base de dados multidisciplinar, gratuita, que reúne periódicos completos do Brasil, do Caribe e da América Latina. Já o *PUBMED Central®* (PMC) é um arquivo de texto completo gratuito de publicações de periódicos biomédicos e de ciências da vida na National Library of Medicine (NIH / NLM) do National Institutes of Health dos EUA.

---

<sup>6</sup> UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto de Psicologia Biblioteca Dante Moreira Leite.

<sup>7</sup> SIGNIFICADOS. Disponível em: <https://www.significados.com.br/pesquisa-qualitativa/>

Os descritores utilizados na pesquisa foram: violência, escola, neurociência cognitiva e aprendizagem. Os critérios para a inclusão dos artigos foram: relevância do (a) pesquisador (a) sobre a temática, origem da pesquisa e local de publicação.

### 3 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Como definir o que seja violência diante do cenário que vivenciamos diariamente? Segundo Regis de Moraes (1995), a violência é algo inerente do ser humano, que possui espectro amplo e cheio de matizes, pois da violência brutal até as mais sutis corre uma complexa matização. Ou seja, a violência sempre fez parte da relação humana, mas que ao longo dos tempos vem se desenvolvendo e ampliando os seus aspectos que a caracterizam dentro de um contexto e cultura.

O que vivenciamos hoje em nossas comunidades é fruto de um trabalho que vem se construindo desde o começo da nossa história como povo, como resultado de escolhas equivocadas que se acumularam principalmente as de origem política e educacional. Moraes (1995) cita que o processo de exacerbação da violência e de sua sofisticação tecnológica não pode se compreendida com base em acusações tolas feitas, por exemplo, aos desdobramentos da chamada Segunda Revolução Industrial.

Definir o que seja violência não é uma tarefa simples, mas já é possível conceituar e compreender minimamente os seus tipos e subtipos. Ela se expressa de maneira distinta que são determinadas pela tradição em uma cultura e sociedade e pela experiência dos sujeitos que as vivenciam. Nesse artigo, usaremos o conceito da Organização Mundial de Saúde – OMS (2010) que define que:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação" (KRUG et al., 2002. 5).

Segundo Eri Bronfenbrenner (1996) em sua teoria do modelo ecológico da violência apresentado pela UNESCO, o conceito é que:

A violência é o resultado da complexa interação de fatores individuais, de relacionamentos estabelecidos, comunitários e sociais, sendo necessário ter sempre em mente as interseções e conexões existentes entre os diferentes níveis.

Bronfenbrenner (1996) afirma que um sujeito pode ser vítima ou autor da violência, considerando os fatores individuais levando em conta os aspectos históricos, social, biológicos e pessoais que uma pessoa traz consigo. Os relacionamentos estabelecidos estão ligados às relações familiares ou pessoas próximas; nas relações com a comunidade são analisados os contextos que as relações estão inseridas: escolas, os locais de trabalho e a vizinhança, e busca identificar as características desses cenários. E por fim, o último nível do modelo ecológico analisa os fatores sociais mais amplos que influenciam os índices de violência.

Mas como essa violência se manifesta no cotidiano escolar? Abramovay cita que a violência descaracteriza a identidade da escola como local de socialização positiva, de construção de valores para a vida e de formação de espíritos críticos, que por meio do diálogo conseguem reconhecer a riqueza da diversidade e dos conhecimentos que nos permeiam.

O ambiente propiciado pela escola favorece não só os processos informativos, mas também os de comunicação, produzindo um amplo universo simbólico que estimula configurações de sentidos e significados, possibilitando desse modo, a constituição da subjetividade e a construção das identidades" (Abramovay. 2002.).

Segundo Gadotti (1992) a escola é compreendida como espaço fundamental, incluyente e democrática, promotora de experiências sociais de convívio com as diferenças, de pluralidade, que necessita oferecer um ensino de qualidade que independe da classe social dos envolvidos, promovendo por meio dos seus currículos acesso as reais necessidades dos educandos. A ausência ou a fragilização desse aspecto afeta o seu processo de ensino repercutindo na aprendizagem de quem dela se beneficia.

A partir de 1960, a educação pública brasileira passou por um novo processo de transformação com a ampliação no atendimento a quem anteriormente não tinham esse acesso. Essa adesão massiva de crianças e adolescentes, filhos de trabalhadores e das classes populares não encontrou uma escola preparada para recebê-los.

Essa escola era habituada a atender a elite sempre privilegiada pelo sistema político educacional brasileiro e a relação social que se estabelece com esse novo público revelam a violência embutida no seu desenvolvimento: exclusão e desrespeito às diferenças (Morais 1995).

Segundo Abramovay (2002) em sua pesquisa sobre Violência e Escola,

a escola é vista como um local para a aprendizagem, como caminho para uma inserção positiva no mercado de trabalho e na sociedade, mas por outro lado muitos educandos consideram a escola como um local de exclusão social, onde são reproduzidas situações de violência e discriminação física, moral e simbólica.

Para além da violência do Estado na sua negligência em promover e garantir serviços públicos de qualidade está presente nessa escola a violência familiar e comunitária. Para se ter ideia da complexidade do problema, apesar de termos mais de 40% de habitantes na faixa etária de 0 a 19 anos, ainda não se tem uma pesquisa que tenha estatísticas confiáveis relacionadas ao fenômeno da violência familiar doméstica. Segundo a UNICEF (2010) em sua pesquisa sobre essa problemática, o conceito de violência doméstica é:

...atos e/ou omissões praticados por pais, parentes ou responsável em relação à criança e/ou adolescente que sendo capaz de causar à vítima dor ou dano de natureza física, sexual e/ou psicológica implica, de um lado, uma transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, numa coisificação da infância. Isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento.

Segundo esses mesmos dados, 80% das agressões físicas contra crianças e adolescentes são causadas por parentes próximos e seus efeitos vão desde as dificuldades no aprendizado, incapacidade de construção de relações interpessoais a depressão infanto-juvenil como exemplo. Já a violência comunitária é entendida e caracterizada como

... a violência interpessoal na comunidade, não perpetrada por um membro da família, e que pretende causar dano. Pode ser um subproduto de diferentes circunstâncias, variando de um crime na vizinhança e violência até conflito civil contínuo ou guerra. A exposição à violência é definida como a experiência da violência de segunda-mão (por exemplo, ouvir falar sobre violência), ser a vítima direta de um ato de violência ou testemunhar violência que envolva terceiros.

A violência comunitária embora aconteça em qualquer parte da cidade, é mais presente nas áreas empobrecidas da nossa cidade, principalmente nas periferias dos grandes centros urbanos. Ela também é resultado das desigualdades sociais e do descaso do poder público.

É esse conjunto de violências que coexiste com as escolas públicas que pode transformar o seu espaço em local de aprendizagem, como pode se transformar num território de violência. Como diz Abramovay (2002), o sistema educacional passa a ser acometido por problemas como falta de segurança, indisciplina, conflitos

e a eclosão de diversas modalidades de violência, deteriorando o clima, as relações sociais, impedindo que a escola cumpra sua função existencial.

Nesse contexto como aprender e assimilar conhecimento? O conceito de aprendizagem segundo o dicionário Michaelis a palavra aprendizagem é derivada do substantivo aprendiz, termo que caracteriza aquele que aprende ou dá os primeiros passos em uma atividade, arte ou ofício.

Na Wikipédia<sup>8</sup>, aprendizagem é o processo pelo qual as competências, habilidades, conhecimentos, comportamento ou valores são adquiridos ou modificados, como resultado de estudo, experiência, formação, raciocínio e observação.

Piaget (1997) explica que o aprendizado decorre do desenvolvimento dos processos mentais amplamente relacionados com a realidade do aprendiz. E Vigotsky (1997) aborda que a aprendizagem consiste no fato de o indivíduo desenvolver suas capacidades cognitivas a partir das interações que mantém com a comunidade onde vive.

Para a Neurociência Cognitiva, área da Neurociência<sup>9</sup>, a aprendizagem é a aquisição de uma determinada informação que foi adquirida pela intensidade de estímulos entre eles os emocionais e motivacionais. É uma conexão física onde a quantidade de neurônios e sinapses mudam de acordo com as experiências vivenciadas pelos indivíduos. É o que segundo Cosenza (2011) afirma que o que torna os cérebros diferentes é o fato de que os detalhes de como os neurônios se interligam vão seguir uma história própria.

Quando a criança nasce, nem todos os circuitos neurais estão conectados. Essas conexões serão estabelecidas e moldadas pelas experiências (estímulos externos) graças à plasticidade cerebral, que é essa capacidade que o cérebro tem de mudar ao longo da vida. Cosenza (2011) diz que:

a interação com o meio ambiente é importante porque é ela que confirmará ou induzirá a formação de conexões nervosas e, portanto, a aprendizagem ou o aparecimento de novos comportamentos que delas decorrem. Em sua imensa maioria nossos comportamentos são aprendidos e não programados pela natureza.

Conseza (2011) também afirma que ao longo do processo educacional aprendemos a controlar nossas emoções a medir as consequências dos nossos

<sup>8</sup> A Wikipédia é um projeto de enciclopédia multilíngue de licença livre, baseado na web e escrito de maneira colaborativa.

<sup>9</sup> GROSSI. Márcia Gorett Ribeiro. Revista Abakos 2015.



comportamentos. Mas a exposição à violência pode alterar esse desenvolvimento. Segundo Varela (2002) a exposição à violência

numa fase em que o cérebro está sendo esculpido pela experiência induzem uma cascata de eventos moleculares que alteram de forma irreversível a estrutura cerebral. Essa moldagem anômala da circuitaria induzida pela violência dirigida contra a criança conduz à agressividade, à hiperatividade, aos distúrbios de atenção, à delinquência e ao abuso de drogas.

Martin H. Teicher (1980), professor de psiquiatria na Escola de Medicina da Universidade de Harvard nos anos 80, demonstrou através de uma pesquisa que uma das regiões cerebrais mais afetadas pelos maus-tratos, por exemplo, era o sistema límbico. O sistema límbico é uma área situada na parte central do cérebro, responsável por regular a memória e as emoções. Há duas estruturas importantes para o funcionamento do sistema límbico: o hipocampo e a amígdala.

O hipocampo é responsável principalmente pela memória e especialmente a memória em longo prazo. A amígdala é uma estrutura cerebral responsável pela manifestação de reações emocionais e na aprendizagem de conteúdo emocionalmente relevante.

Teicher (1980) percebeu que adultos expostos a violência quando criança possuíam tanto o hipocampo como a amígdala em tamanho diferenciado com ao que não tinha sido exposto a mesma. O cortisol, hormônio liberado diante de situações de estresse seria em parte responsável por essa alteração.

Outro ponto interessante observado pelos pesquisadores se refere a dominância dos hemisférios cerebrais. Em indivíduos destros, perceberam que ao invés do hemisfério dominante ser o esquerdo mais desenvolvido, é o direito que apresenta maior desenvolvimento em adultos que sofreram violência na infância.

Teicher (1980) explica que:

como o hemisfério esquerdo integra a percepção e expressão da linguagem, enquanto o direito processa a informação espacial e a expressão de emoções, é possível que crianças maltratadas desenvolvam mais o hemisfério direito por arquivarem e processarem suas experiências negativas nas estações de neurônios localizadas desse lado do cérebro.

Em estudos mais recentes realizados pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS (2017), crianças submetidas a episódios de violência desligam involuntariamente partes do cérebro responsáveis pela memória, empatia e emoções, colocando a mente, em “modo de sobrevivência”. Assim, a capacidade de

concentração e de processamento de novas informações fica comprometida, aponta o estudo feito pelo Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul.

Para chegar a essa conclusão, professor Augusto Buchweitz (2017), coordenador do estudo, utilizou-se do Questionário de Vitimização Juvenil que é uma ferramenta de coleta de informações dirigidas ao estudo de cinco grandes áreas da vitimologia: crime convencional, maus-tratos infantis, maus-tratos por iguais, vitimização sexual e ser testemunha/vitimização indireta. Após essa etapa, os participantes da pesquisa passaram por testes de matemática, leitura, atenção e inteligência.

No Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul foram realizados exames de neuroimagem e ao mesmo tempo os participantes responderam a tarefas de atenção e memória. Antes de entrarem na ressonância magnética funcional, realizaram um treino em um simulador, o único da América do Sul. Os participantes acostumaram-se com o barulho e a sensação de ficar dentro do tubo. Depois do exame, há coleta de saliva e retirada de três centímetros de cabelo, para análise do cortisol, hormônio ligado ao estresse<sup>10</sup>.

Segundo a médica Roberta Grudtner (2017) os *déficits* cerebrais apontados na pesquisa acarretam em distúrbios de socialização, facilitam o envolvimento com drogas e álcool, aumentam a agressividade e ajudam na formação de adultos impulsivos.<sup>11</sup> Crianças podem apresentar transtornos externalizantes e internalizantes na fase escolar.

Segundo PERKINS e GRAHAM-BERMANN os transtornos externalizantes como Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, Transtorno de Conduta, Transtorno Desafiador Opositivo, e Espectro de autismo; e transtornos de internalização como Ansiedade, Depressão e Transtorno de Estresse Pós-Traumático, podem inclusive apresentar-se simultaneamente.

Além disso, funções cognitivas limitadas, problemas com o funcionamento executivo, problemas de linguagem diagnosticados, atraso no desenvolvimento da linguagem, aprendizado diagnosticado, distúrbios de leitura ou matemática e

---

<sup>10</sup> ACAUAN, Ana Paula. Estado de Sobrevivência. Disponível em: <http://www.pucrs.br/revista/estado-de-sobrevivencia/>

<sup>11</sup> KERVALT, Marcelo. Como a violência afeta áreas do cérebro de crianças e adolescentes. Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/estilo-de-vida/noticia/2017/10/como-a-violencia-afeta-areas-do-cerebro-de-criancas-e-adolescentes-9947658.html>

fracasso escolar estão dentro da categoria Diagnóstico e Estatístico de Transtornos que são mais frequentemente diagnosticadas na infância.<sup>12</sup>

Segundo Moraes (1995) se há algo que especialmente tem impedido uma maior realização humana, bem como tem cercado a eficiência educacional, esse algo é a violência que perpassa a quase globalidade da vida social de agora.

Embora a temática seja ampla e passível de vários desdobramentos, o presente artigo demonstra que os impactos da violência no processo de aprendizagem de criança são graves e necessita de intervenção. O círculo de violência vem se ampliando em vários setores da sociedade, colocando a todos e todas numa situação de instabilidade social.

## 5 CONCLUSÃO

De acordo com os artigos pesquisados o impacto nas escolas, principalmente nas públicas é visível e as consequências vêm sendo amplamente divulgada nas mídias e redes sociais. Além do aumento progressivo da evasão escolar promovida pelas ações do tráfico, a relação entre educandos e educandas com o corpo docente vem se tornando sofrível para ambos os lados.

As pesquisas revelam que as escolas vêm vivenciando dificuldades profundas em prevenir e encontrar soluções as questões relacionadas a violência. Estruturada muitas vezes num modelo engessado educacionalmente, não consegue levar em conta a diversidade, as múltiplas identidades e as referências culturais de da comunidade em que está inserida, contribuindo para que a violência institucional se fortaleça num ambiente onde se espera que seja enfraquecida.

É importante salientar que as crianças que vivenciaram situações de violência podem apresentar na fase adulta dificuldades de socialização e empatia para com o outro. São pessoas que vão correr mais riscos no trânsito e se envolver mais facilmente com atos ilícitos. Formam-se cidadãos sem remorso, que fazem as coisas erradas e não se arrependem segundo médica Roberta Grudtner (2017) da PUCRS.

Nesse contexto que vivenciamos, podemos olhar com esperança para os avanços na pesquisa da Neurociência e sua contribuição para a Educação, e

---

<sup>12</sup> PERKINS, Suzanne. GRAHAM-BERMANN Suzanne. Violence Exposure and the Development of School-Related Functioning: Mental Health, Neurocognition, and Learning. PMC – National Library Of Medicine. 01 de janeiro de 2013. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3402358/>

podemos concluir que um processo de mudança no modelo atual é necessário, urgente e possível. É preciso que essa construção seja plural e que envolva todos os atores sociais: famílias, comunidades, escola, poder público e a sociedade civil.

Diante do cenário e das análises dos resultados obtidos por meio dessa pesquisa chega-se a conclusão que reavaliar conteúdos e metodologias é o desafio de educadores e educadoras. Todos que estão inseridos nessa luta por uma educação de qualidade e voltada para a vida, podem e devem contribuir nessa somatória de forças para que possamos encontrar uma solução viável para amenizar o impacto da violência na vida das crianças em fase escolar.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Escola e Violência**. UNESCO, Universidade Católica de Brasília: 2002.

ACAUAN, Ana Paula. **Estado de Sobrevivência**. Disponível em: <http://www.pucrs.br/revista/estado-de-sobrevivencia/> Acesso. 18 de janeiro. 2018.

ASSIS, Simone Gonçalves de (org.). CONSTANTINO Patrícia. AVANCI, Joviana Quintes. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**.– Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ, 2010.

BOMFIM, Maria do Carmo Alves; MATOS Kelma Socorro Lopes de. **Juventudes, Cultura de Paz e Violência nas Escolas**. 1ª Edição, Fortaleza-CE. Editora UFC 2006.

CONSEZA, Ramon M. GUERRA, Leonor B. **Neurociência e Educação**. 1ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

GHIRALDELLI, Paulo; **História da Educação Brasileira**. 5ª Edição, São Paulo. Cortez, 2015

GUERRA, Nancy G. DIERKHISING, Carly. The Effects of Community Violence on Child Development. **Encyclopedia on Early Childhood Development**.. Novembro de 2011. Disponível em: <http://www.child-encyclopedia.com/social-violence/according-experts/effects-community-violence-child-development>. Acesso. 04 de Agosto. 2018.

KANCHIPUTU, Phillip G. MWALE, Marisen. Effects of Domestic Violence on Children's Education: The Case Study of Mpemba, in Blantyre District [Malawi]. **Journal of Psychological Abnormalities**. 22 de Agosto de 2016. Disponível em: <https://www.omicsonline.org/open-access/effects-of-domestic-violence-on-childrens-education-the-case-study-ofmpemba-in-blantyre-district-malawi-.php?aid=78234>. Acesso. 05 de agosto. 2018.

KERVALT, Marcelo. **Como a violência afeta áreas do cérebro de crianças e adolescentes.** Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/estilo-de-vida/noticia/2017/10/como-a-violencia-afeta-areas-do-cerebro-de-criancas-e-adolescentes-9947658.html> . Acesso. 05 de agosto. 2018.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica** . 5ª Edição, São Paulo. Editora Atlas. 2003

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Cultura de Paz, Educação e Espiritualidade IV.** 1ª Edição, Universidade Estadual do Ceará: 2017.

MOFFIT, Terrie E. GRAWE, Klaus. **Childhood exposure to violence and lifelong health: Clinical intervention science and stress biology research join forces.** PMC – National Library Of Medicine. 20 de Dezembro de 2013. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3869039/>. Acesso. 09 de Agosto. 2018.

MORAIS, Regis de. **Violência e Educação.** 1ª Edição, Campinas-SP: Papirus Editora 1995.

PERKINS, Suzanne. GRAHAM-BERMANN Suzanne. **Violence Exposure and the Development of School-Related Functioning: Mental Health, Neurocognition, and Learning.** PMC – National Library Of Medicine. 01 de janeiro de 2013. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3402358/> Acesso. 09 de agosto. 2018.

VARELLA. Draúzio. **Raízes biológicas da violência.** Disponível em :<https://drauzioarella.uol.com.br/drauzio/raizes-biologicas-da-violencia/> . Brasília: Revisado em 2018. Acesso. 04 de agosto. 2018.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget.** 5ª Edição Revisada, São Paulo. Pioneira Thompson Learning. 2001